

	CONTINENTE	AÇORES	MADEIRA
ocorrência	MigRep	-	-
categoria	NT*	-	-

### Taxonomia

Aves, Accipitriformes, Accipitridae.

### Tipo de ocorrência

Estival nidificante.

### Classificação

QUASE AMEAÇADA – NT\* (D)

Fundamentação: Espécie com população reduzida (que se admite poder ser inferior a 1.000 indivíduos maduros). Na adaptação à escala regional desceu uma categoria, por se admitir que a população em Portugal poderá ser alvo de imigração significativa das regiões vizinhas e por não ser de esperar que essa imigração possa vir a diminuir.

### Distribuição

De distribuição predominante Paleártica, a águia-cobreira ocorre como nidificante no Noroeste de África, nos países mediterrânicos e do Leste da Europa, e estende-se ainda pela Rússia europeia, Iraque, Irão, Cazaquistão até à Mongólia, Índia e arquipélago de Sonda (del Hoyo *et al.* 1994). Grande parte destas populações migram para a África tropical, numa faixa desde o Senegal até ao Sudão e Etiópia, mas as orientais invernam no subcontinente indiano, cuja população é residente, tal como as das ilhas Sonda (de Lombok a Timor) (del Hoyo *et al.* 1994).

Em Portugal, distribui-se por uma grande parte do território nacional. Ocorre de modo mais contínuo no Algarve (nas serras), Alentejo, Ribatejo, Beiras interiores e, mais irregularmente, em Trás-os-Montes, Minho, Beira Litoral e Estremadura (ICN dados não publicados).

A comparação entre os atlas nacionais (Rufino 1989 e ICN dados não publicados), sugere que a sua área de distribuição esteja estável, ou em ligeira expansão, nomeadamente no Noroeste do país (Palma *et al.* 1999a) e, possivelmente, na Beira Litoral (*e.g.* na faixa costeira).

### População

As populações mais importantes estarão localizadas no Alto Alentejo e nas serras algarvias e alentejanas, em montados de sobreiro e sobreirais de *Quercus suber*, onde se atin-

*Circaetus gallicus* (Gmelin, 1788)



## Águia-cobreira



gem densidades da ordem dos 2,6-5 casais/100 km<sup>2</sup> (Onofre *et al.* 1999) e 3,3 casais/100 km<sup>2</sup> (Pereira 1993). De acordo com as estimativas que têm sido feitas para a espécie, a sua população nacional estará compreendida entre 250 e 600 casais (Palma *et al.* 1999a, Hagemeyer & Blair 1997, BirdLife International/European Bird Census Council 2000, BirdLife International 2004).

A nível europeu a espécie é considerada como *Rara*, provisoriamente, apresentando provavelmente um ligeiro declínio (BirdLife International 2004). Em Espanha tem o estatuto de *Pouco Preocupante (LC)* (Madronejo *et al.* 2004) e, embora se desconheçam as tendências recentes da espécie nesse país, a sua área de distribuição está estável ou localmente em aumento (Mañosa 2003). Admitiu-se assim um risco de extinção em Portugal mais reduzido, tendo-se descido uma categoria na adaptação regional.

### Habitat

No Sul, o habitat da águia-cobreira é constituído principalmente por montados e bosques de sobreiro *Q. suber* e de azinho *Q. rotundifolia* e matagais arborizados (Pereira 1993, Palma *et al.* 1999a, Onofre N dados não publicados). No Centro e Norte, ocorre predominantemente em áreas onde o coberto florestal forma manchas de maior dimensão, dando preferência ao pinhal (*Pinus pinaster*) para nidificar, tanto nas zonas planas das extensas matas nacionais litorais, como nas zonas serranas (Silva 1998, Onofre *et al.* 1999). Nas zonas escassamente arborizadas ou não ocorre de todo ou aparece em



*Circaetus gallicus* (Gmelin, 1788)

## Águia-cobreira

muito baixas densidade – 0,5 casais/100 km<sup>2</sup> (Onofre 1996, Onofre *et al.* 1999), e é pouco tolerante a espaços demasiado fragmentados e com grande presença humana. Mesmo nas zonas bastante florestadas, a águia-cobreira necessita de áreas abertas para caçar as suas presas preferidas e quase exclusivas – as serpentes –, áreas estas que poderão distar vários quilómetros do local do ninho (Onofre N dados não publicados).

### Factores de Ameaça

A redução da área de pinhal, devido a corte ou a fogos florestais e conseqüente reconversão de vastas áreas para eucaliptal deve ser o factor de ameaça com maior relevância no Centro e Norte do país. No Sul, e em particular nas serras algarvias, os incêndios que nos últimos anos têm devastado milhares de hectares de habitat florestal parecem ser a causa principal para a forte rarefacção actual da espécie (L Palma, *com. pess.*).

Nos montados, as podas severas de áreas extensas e o corte e a rarefacção de pinheiros-bravos de grande porte são causa de degradação ou eliminação do seu substrato de nidificação, desestabilizando os casais e aumentando o insucesso reprodutor ao privarem estas águias de pernadas fortes e amplas que impeçam a queda de ninhos (Onofre N dados não publicados).

Outras alterações de habitat, como a intensificação agro-pecuária, que implica despedrega, rotações mais intensas das culturas, irrigação e constituição de densos cobertos forrageiros, ou a reconversão de olivais e pomares velhos, afectam não só a disponibilidade das suas presas preferenciais como a sua acessibilidade por parte desta ave de rapina.

A mortalidade nas linhas de transporte de energia é bastante elevada (SPEA/QUERCUS 2005), ignorando-se o seu real impacto na demografia da espécie em Portugal.

Outros perigos decorrem do abate, por caçadores pouco sensibilizados e esclarecidos, da destruição e roubo de ninhos (nomeadamente durante as operações de descortiçamento ou de poda).

### Medidas de Conservação

Nos montados do Sul do país, nas áreas mais importantes de ocorrência da espécie, deveriam ser seguidas regras mínimas de conservação da qualidade do habitat, nomeadamente:

- ordenamento das podas (tanto na intensidade como na extensão e ordenamento no espaço);

- condicionamento das plantações de elevada densidade de eucalipto ou pinheiro nos espaços abertos adjacentes ou existentes no seio de áreas de montado;
- imposição de limites à densidade de plantação nas acções de adensamento/beneficiação ou de arborização, mesmo com sobreiro ou azinheira;
- manutenção de alguns pinheiros-bravos grandes por unidade de área (*e.g.* ≥5 árvores/km<sup>2</sup>);

Para as regiões centro e norte e nas serras do sul, e à semelhança do proposto para outras aves de rapina de ecologia florestal, as medidas de conservação para esta espécie prendem-se com as políticas florestais de reordenamento, gestão e repovoamento florestal e de prevenção de incêndios. Interessa promover espaços florestais diversificados, tanto ao nível dos cobertos arbóreos como de outros, e prevenir a ocorrência dos grandes incêndios florestais. Adicionalmente, os manuais de boas práticas florestais deveriam incluir medidas com vista à conservação de habitat das aves de rapina e de outros valores naturais.

Para além da conservação do habitat florestal, importa também conservar o habitat de caça desta espécie, nomeadamente através da divulgação das Medidas Agro-Ambientais apropriadas e da generalização do seu recurso.

A conservação desta espécie beneficiaria com o desenvolvimento de campanhas de sensibilização relativamente à conservação das aves de rapina, quanto ao património que representam, os seus hábitos e o papel que desempenham nas cadeias tróficas.

Importa também aumentar a eficácia na fiscalização e o agravamento das sanções de actos ilegais, como o abate, a destruição e pilhagem de ninhos desta e de outras espécies praticados por entidades, agentes e outros intervenientes nas actividades venatória e agro-florestais.

A correcção e sinalização de linhas aéreas de transporte de energia terá também efeitos positivos na conservação desta espécie.

À semelhança das restantes espécies de rapinas florestais, deverão ser realizados censos periódicos ou programas de monitorização.

### Notas

Ocorre um escasso número de indivíduos durante o Inverno (Onofre 1998b). A espécie é também registada durante as migrações outonais em Sagres (Tomé *et al.* 1998).